

# Gigante num País de pigmeus

Péricles, o pai da democracia grega, em oração fúnebre aos heróis de Atenas, disse que a maior honra do homem público consistia em granjear respeito entre os seus; nunca em amealhar riquezas.

O mesmo se pode dizer de Jefferson Péres, senador pelo Amazonas e colega de jornal, que lamentavelmente morreu na última sexta-feira, às primeiras horas da manhã, mas que deixou um inigualável patrimônio imaterial: uma referência ética para a cidade, para o estado e para o país.

Não é pouca coisa, em especial se levarmos em conta a degradação da vida pública nacional, potencializada nos últimos anos. No Brasil dos “anões do orçamento”, dos “vampiros”, dos “mensaleiros”, dos produtores de dossiês, dos “aloprados”, dos ladrões do Erário de toda espécie e gênero, Péres se diferenciava por ser o aposto

Júlio  
Antônio  
Lopes

Advogado  
e-mail: julioantonio  
@acritica.com.br



de tudo isto que está aí. Peres era um político na exata e benigna expressão do termo: maior, sem dúvida. Um gigante num país de pigmeus morais. Um homem daqueles difíceis de nascer nos dias de hoje. Um homem que Deus, certamente, criou e jogou o rascunho fora, para que permanecesse único. Ele nos fez sonhar que era possível entrar para a vida pública e não se contaminar pelos maus, que era possível ser eleito sem comprar votos, quer era possível trabalhar na esfera política sem negociar a honra. Ele vai fazer falta. Todos ficamos um pouco órfãos. A cidade que ele amou e que ele sonhou lhe disse adeus, em monumental cortejo, no dia de ontem. Homenagem justa a um homem justo. Reconhecimento maior não pode haver.